

Protestos no Paraguai mostram que “as pessoas estão sobrecarregadas, cansadas”, diz o líder da oposição Leo Rubín

Via [La Diaria Politica](#)

“As manifestações são raras no Paraguai. É um país muito pacífico. É por isso que os três dias seguidos de protestos que começaram na sexta-feira são quase um recorde”, disse o líder da Frente Guasú Leo Rubín ao La Diaria. “Muitas pessoas saíram pacificamente para as ruas. Tenho conhecidos que normalmente não participam de mobilizações, pessoas que normalmente nem sequer protestam no Twitter, e desta vez foram para as ruas. As pessoas estão sobrecarregadas, cansadas”, explicou ele.

A agitação tem se arrastado por um ano pandêmico, com escândalos de irregularidades na compra de medicamentos e suprimentos de saúde, e uma crise econômica crescente, disse o líder. Rubín, que também é jornalista, foi candidato a vice-presidente em 2018, na fórmula que ficou em segundo lugar em votos, liderada por Efraín Alegre e surgida de uma aliança entre a Frente Guasú, à qual ele pertence, e o Partido Liberal Radical Autêntico (PLRA).

O que alimentou os protestos que começaram na sexta-feira e continuaram na segunda-feira foi a escassez de medicamentos e suprimentos nos hospitais públicos, o que somado à falta de vacinas contra o coronavírus no país. Até agora, o Paraguai recebeu apenas 4.000 doses, um número que Rubín diz ser “uma piada” para uma população de sete milhões de habitantes, e

recebeu 20.000 doses doadas pelo Chile.

Para acalmar o descontentamento dos manifestantes, que exigem sua demissão, o Presidente Mario Abdo Benítez nomeou um novo ministro da saúde, Julio Borba, para substituir Julio Mazzoleni. A saída do ex-ministro havia sido exigida pelo pessoal de saúde, particularmente pelo sindicato dos enfermeiros, e por familiares de pacientes com Covid-19. Os protestos destes setores foram posteriormente acompanhados por uma multidão.

Nos últimos dias, as manifestações concentraram-se na casa do ex-presidente Horacio Cartes, líder de um setor do Partido Colorado no poder que leva suas iniciais, Honor Colorado, para exigir que ele não mantenha o presidente Abdo no poder. A atual crise política “é uma repetição do que aconteceu em 2019, quando Abdo enfrentou um julgamento de impeachment que foi interrompido por Horacio Cartes”, disse Rubín ao jornal. “Também agora a oposição está pedindo o impeachment, e provavelmente será apresentado na próxima semana no Parlamento, mas não terá votos suficientes para aprová-lo: os votos do setor de Cartes são necessários”, explicou ele. Os deputados do PLRA anunciaram que apresentarão a iniciativa nos próximos dias.

Segundo Rubín, “o que Cartes está fazendo agora é pedir a cabeça de alguns ministros”, e desde 2019, Abdo “é um refém” do ex-presidente e empresário. De acordo com sua leitura, Cartes procura “desgastar Abdo o máximo possível até 2023 para que ele possa tornar-se o salvador do Partido Colorado e apresentar um líder de sua própria escolha, provavelmente Santiago Peña, como candidato à presidência”. Vários atores políticos estão vinculando Cartes às mudanças de gabinete ordenadas pela Abdo.

Mudanças tardias

“No Paraguai, está instalada uma prática clientelista do

Partido Colorado”, disse Rubín. Há candidatos nas eleições municipais que distribuem remédios”, disse ele. O líder explicou que, nas filiais locais do Partido Colorado, especialmente nos bairros de Assunção, são as autoridades locais do partido que “acabam distribuindo medicamentos, trazendo médicos”. O líder disse que “não devemos esquecer que o Paraguai passou por 70 anos de poder do Partido Colorado, e que existe todo um sistema de educação e saúde que perece e sem orçamento, com gestão clientelista”.

Nesta segunda-feira, quando tomou posse como ministro da saúde, Julio Borba disse que falou com Abdo e outros membros do gabinete sobre como acelerar a chegada das vacinas, embora tenha esclarecido que não quer gerar “falsas expectativas” a este respeito e que aguardará para saber a data exata em que elas chegarão para torná-las públicas. Ele também disse que a prioridade de sua carteira é que os medicamentos sejam distribuídos “em tempo hábil” aos hospitais, e anunciou que aumentará os controles sobre sua comercialização para evitar especulações com eles.

Além da nomeação de Borba, foram anunciadas outras mudanças no governo: o chefe do Gabinete Civil, Juan Ernesto Villamayor, será substituído por Hernán Huttemann, que foi conselheiro presidencial, e a vice-ministra da Economia, Carmen Marín, assumirá o lugar de Hugo Cáceres como chefe da Unidade de Gestão Presidencial. De acordo com Marín, ela trabalhará em questões relacionadas à saúde.

Para Rubín, a crise se deve à falta de gestão do atual governo, que, em sua opinião, não fez tudo o que deveria ter feito para obter as vacinas, nem executou uma grande parte dos 514 milhões de dólares que o Parlamento aprovou no ano passado para lidar com a situação sanitária.

Somado ao mal-estar que tudo isso gerou foi um aumento nas tarifas de transporte público, e um “desastre” na educação. Durante 2020, quase não houve aulas, e este ano, apesar de

poder planejar com antecedência, as condições para alcançar a presencialidade também não foram resolvidas, disse Rubín. “Os professores deram aulas pela Whatsapp, com conexões que falham”, disse o líder da oposição.

Outro ponto crítico foi a repressão à manifestação de sexta-feira, que foi pacífica, e à qual a polícia respondeu com balas de borracha e canhões de água. Tudo isso foi a gota que transbordou o copo, disse Rubín, e lembrou que antes de chegar a este ponto, houve uma boa gestão inicial da pandemia, com o fechamento dos negócios a tempo e uma curva de infecção achatada, com muito poucos casos, como no Uruguai. Mas em junho, tornaram-se conhecidos os primeiros escândalos de corrupção ligados à compra de máscaras e outros suprimentos de empresas farmacêuticas, e houve também um aumento no número de casos. “Em dezembro o número subiu, e em janeiro ainda mais, com mais de 5.000 paraguaios viajando para o Brasil”, acrescentou ele.

Rubín lembrou que, durante o governo de Fernando Lugo, que se tornou presidente em uma aliança entre a Frente Guasú e o PLRA em 2008, foi promovido um sistema de saúde gratuito para toda a população, mas esses avanços foram revertidos depois que sua presidência terminou em 2012. “Ter esse sistema e descentralizar a saúde teria sido muito bom para obter a vacina agora, para que as pessoas não tivessem que ir aos hospitais maiores”, disse ele.

Sobre os próximos dias, Rubín disse que em um país “calmo” como o Paraguai, onde tais manifestações não são frequentes, como acontece no Chile, por exemplo, é possível que os protestos terminem. Embora os manifestantes tenham pedido “que se vayan todos”, há apelos da Igreja Católica e de alguns sindicatos para o diálogo.

Entretanto, estes protestos reuniram amplos setores da população, disse ele. Embora alguns representantes do governo tenham dito que os protestos respondem a partidos de esquerda,

Lugo ou Efraín Alegre, e alguns até os ligaram ao governo venezuelano, “são realmente mobilizações sociais maciças” que não respondem a um setor político, mas a um mal-estar que se espalha entre a população, disse Rubín.